REVISTA LIBERT

ESTUDO E CRITICA SOCIAL
LIVRE PENSAMENTO
RACIONALISMO

BELEN DE SÁRRAGA

Escriptora hespanhola, oradora eloquente e estrenua propagandista do Livre Pensamento

PORTO ALEGRE — FEVEREIRO — R. G. DO SUL-BRASIL

ANNO I — 1 9 2 1 — NUM. 1

REVISTA LIBERAL

Redacção:
Rua Monsenhor Veras, 20 B (Parthenon).
Correspondencia:
Deve ser endereçada á: — *Revista Liberal, Porto Alegre.*
Metade da edicção da *Revista Liberal* será distribuida gratuitamente pelas associações operarias e liberaes que o solicitarem.

Assignaturas:
Annual ..... 4$000
Semestral..... 2$000
Numero avulso, ... $200
Semestralmente será distribuido entre os assignantes um folheto de propaganda de ideias liberaes.

O CONTO DA "REVISTA"

Vida despedaçada...

Ha de haver dois annos, encontrei a Joanninha ao pé da ponte, seguindo a estrada cheia de leitões. Uma pequena viração refrescava a tarde. Lá do cimo do outeiro, o moinho agitava alegremente as azas...

— Bôas tardes, Joanninha.

— Bôas tardes...

A voz chorosa? Mirei-a de rosto e vi-lhe com effeito os olhos humidos e vermelhos.

Que magua alancearia o coração moço desta rapariga? Temia ser indiscreto, e no entanto me não pude abster de arriscar uma pergunta cheia de interesse:

— Está triste?

— Pudera!...

— Pudera! Quedei-me silencioso e perturbado, não querendo forçal-a a confidencias; mas animada, talvez pela minha discripção compadecida, ella propria iniciou um espontaneo desabogo.

— Então não sabe? O João lá se foi na expedição.

— Qual João? Aquella mocetão rigo e satisfeito que eu vira dançar com ella na ultima festa do logar? Era esse. Depois de uma temporada de caserna, o rapaz preparava-se para o casorio, quando veio uma ordem para elle voltar p'ra tropa e marchar a combater os inimigos... Diziam, que ia haver uma grande guerra...

E a Joanninha limpava os olhos suffocada.

Procurei aquietal-a: o João havia de tornar, são e escorreito; e a ventura de ambos teria apenas soffrido uma ligeira interrupção, á laia de pesadello que dura só uma noute e foge ao raiar da madrugada.

Não sei se a consolei. Eu é que fiquei com o suave passeio arruinado. Parecia me ter cessado a brisa; e lá em cima as azas do moinho, mais vagarosas e tristes, lembravam antes um lenço no mole estrebuchar d'um adeus pungente.

No começo deste outomno, passei de novo pelo mesmo sitio.

A poucos metros da estrada, já atapetada de folhas seccas, á porta d'um casebre estava sentada a Joanninha. Mas que mudança! Que era feito daquella linda e forte rapariga, em cujo coração dolorido eu tentara verter algumas gottas de balsamo, numa tarde refrescada pela aragem e suavemente embandeirada com as azas brancas do moinho em movimento? Era agora aquella pobre mulher, pallida e mal vestida, amamentando um pequenito enfermiço e enfezado.

Não a reconheci de prompto e foi ella quem saudou primeiro.

— Bôas tardes...

— Ah! a Joanninha! Bôas tardes... E então?...

Então... de novo vi as lagrimas tremerem lhe nos olhos; e como se continuasse, sem interrupção, as confidencias daquella tarde anterior, a Joanninha narrou-me outro folhetim da sua existencia atribulada.

O seu João voltára, sim; mas voltara doente e queimado de febres periodicas.

Depois, já não era o mesmo: não tinha forças nem vontade de trabalhar; bebia e jogava pelas tavernas; fizera-se quizelento e mau... Batia-lhe. E depois aquella comsumição do pequeno, sempre adoentado, sempre adoentado...

— Então, pelo serviço prestado, não deram ao seu homem uma recompensa qualquer?...

A Joanninha sorria-se levemente:

— Ah! lá isso deram: uma medalha... Ainda se fosse de ouro...

O pequenino poz-se a chorar; e eu despedi-me, comfrangido, como depois das primeiras confidencias.

E, como então, a tarde velou-se de tristeza; e o moinho, lá em cima, sem velas, immovel, era como o espectro da miseria e da morte.

Neno Vasco

Um martyr obscuro

Victor Hugo obsequiava com um banquete a varios amigos e lhes fallando, disse: «Todos quantos aqui me rodeiam, etc.» Na noticia, porém, do jornal saiu assim: «Todos quantos aqui me rôem», do que resultou um sangrento epigramma. O grande escriptor fez por este facto, uma singular apologia do revisor, como um triste sacrificado a endireitar os erros dos outros e que, quando deixa escapar involuntariamente uma letra por outra, soffre ás vezes as maiores injurias que em nada correspondem ao heroismo da sua dedicação.

A evolução humana é sempre uma victoria contra a religião, victoria que tem custado á humanidade muito sangue e muita dôr. — *G. Sergi.*

REVISTA LIBERAL

ESTUDO e CRITICA SOCIAL — LIVRE PENSAMENTO

Director: Polydoro Santos

Anno I — *Porto Alegre, Fevereiro - 1921* — Num. 1

NO LIMIAR

Vivemos uma época de progresso intenso que magnificamento se affirma em todos os ramos da actividade humana.

Todos os paizes, apenas sahidos da tremenda crise, occasionada pela loucura da guerra, retomam o curso da sua evolução, momentaneamente interrompida. E essa evolução é agora accelerada por um sopro renovador, oriundo da necessidade, palpavel e premente, sentida pelos individuos que constituem os differentes povos, de encontrar o equilibrio social que o accumulo dos erros do passado subverteu tão dolosamente.

Uma concepção mais vasta da economia reorganisa, sobre novas bases, a vida industrial dos povos; os regimens politicos transformam-se n'um sentido mais liberal, procurando basear suas relações na solidariedade das classes sociaes; principios philosophicos mais logicos, mais racionaes, espancam dos cerebros as sombras que impediam a livre manifestação da razão humana: tudo tendendo para a realização de um ideal de perfeição relativa de bem-estar collectivo e de liberdade individual.

Em o nosso paiz não podia deixar de repercutir essa evolução que em muitos outros, pela resistencia das forças retrogradas, pronunciou-se em revolução mais ou menos violenta. Essa repercussão, porôm, si é bem caracterisada pela expansão das forças economicas do paiz, não o é, entretanto, no campo politico nem no terreno philosophico. Ahi as forças regressivas e os elementos de retrogradação têm agido de uma maneira deploravel, paralysando o surto evolutivo do povo, preparando-lhe quiçá convulsões, cujas consequencias se não pode prever.

Entretanto, da mesma forma que se não póde hoje reproduzir o milagre de Josué paralysando o curso do Sol, o nosso povo apezar de tudo segue evoluindo, lentamente talvez, no sentido de um aperfeiçoamento que é o attestado da sua vitalidade.

JUSTIÇA!

Progredir, melhorar... Exgotta-se a ampulheta,
palpita o regular chronometro. O aereoplano
— abelha solta da colmeia do Planeta —
sobrepaira á charrúa, em terra, e á nau no Oceano.

E' a Civilisação. A fórmula absoleta
cédo aos novos ideaes do Pensamento humano.
Mas o Homem... inda arrasta a secular grilheta:
é o mesmo rêo, é o mesmo algoz... Pobre tyranno!

Ha seculos, ardendo em sôde de justiça,
nem vê que essa justiça é a velha farça que arma
a Audacia contra a Força inconsciente e submissa!

E o mundo ascende! Mas os dias se consomem
e a Humanidade soffre! e ninguem dá o alarma,
vendo o homem ludibriado entre as mentiras do homem!

Hermes FONTES

Queremos auxiliar essa evolução do povo, elevando-lhe o nivel moral e intellectual, pondo ao seu alcance a discussão e a exposição das questões sociaes, de maneira que o esclareça, que o torne ao par das ideias que se debatem nos meios intellectuaes, que o faça reflectir, discutir, comparar e deduzir, libertando-o do acervo de ideias falsas de que se acha imbuido por uma educação tendenciosa.

A REVISTA LIBERAL quer, pois, em nosso meio e, principalmente, entre os trabalhadores, tornar-se o eco dessa evolução, o vehiculo das ideias que agitam os povos, a palavra que despertem as intelligencias para o estudo das questões sociaes, o orgam que diga que o trabalhador não tem só braços para trabalhar: possue igualmente um cerebro que pensa e raciciona.

A REVISTA LIBERAL combaterá, com o desassombro que lhe dá a sua convicção, todas as ideias politicas, philosophicas ou economicas que de alguma maneira baseie o seu triumpho na exploração da ignorancia do povo, no cerceamento das iniciativas ou na limitação da liberdade de pensar.

A MORAL DA SCIENCIA

A sciencia é a verdadeira escola moral; ella ensina ao homem o amor e o respeito da verdade, sem a qual a esperança é uma chimera. A sciencia ensina ao homem a idéa do dever e a necessidade do trabalho, não como castigo, ao contrario, como o mais alevantado modo da nossa actividade. E' á sciencia que se deve a ideia da solidariedade dos homens de uns para com os outros.

Portanto, não proclamemos dogmas fallivois, que marquem pontos de parada do progresso humano, porque a sciencia é successiva, não sendo os sabios mais do que representantes ephemeros de cada época.

A sciencia se constitue por uma serie de progressos, de desenvolvimentos successivos; ella é como Pascal dizia da humanidade, semelhante a um homem que vive sempre, e accrescentarei eu, que se remoça sempre.

M. Berthelot.

Lá em cima está o Paraiso, o reino dos pobres d'espirito...

A espada luminosa da palavra é mil vezes mais gloriosa do que a lamina de aço que conquista a victoria pela violencia; mais valiosa porque convence, mais util ao progresso porque innunda a almas de sóes explendorosos. — (De Saldanha Marinho, 1872).

* * *

Democracia e militarismo não podem coexistir. — (De Leonardo Truda, 1919).

A civilisação catholica

BELEM
DE SÁRRAGA

Como? — diria um clerigo, — accusa se a igreja de produzir á America prejuizo e se callam os beneficios que esta deve á religião, e esquecem-se seus sacerdotes sabios, suas missões pacificadoras e aquelles pioneiros da Independencia que vestiram o traje talar?

Penso isto, recordando o decidido empenho com que a igreja tem procurado diffundir por todo o Continente a idéa de que a ella se deve uma grande parte da cultura americana; ideia que não deixa de ser por muitos acceita como incontestavel verdade. Vejamos, pois, esses decantados beneficios.

E' certo que lidaram na America alguns sacerdotes de merito. Que ha de particular nisto? Europa tambem os teve: Copérnico, Abelardo, Galileu, Arnaldo de Brescia Savanarola e tantos outros. Os protestos contra a igreja porventura não tem saído do seio da propria igreja? Logico era que assim succedesse, uma vez que os meios de desenvolvimento intellectual, na idade media, se accumularam nos mosteiros. Ao passo que os civis, sob a tremenda pressão eclesiastica que caracterisou aquella epoca, permaneciam no estado de catalepsia intellectual, julgando satanico todo o desejo tendente a embrenhar o pensamento no desconhecido, o monje, que sabia muito bem o valor dos perigos infernaes, livre de obrigações e cuidados e depositario do thesouro scientifico que havia furtado ao mundo, encontrava-se em condições de exercitar seu raciocinio e obter bons fructos do seu labor mental.

Que este labor e esta gloria pertencem por completo ao individuo e não á instituição religiosa, prova-o o facto de esta ao ver a luz scientifica, — que avaramente occultara, saír ao mundo, apregoada por labios monacaes, terem sido estes sellados pelas mãos do verdugo. (1)

As intellectualidades, surgidas d'entre o clero na America, alcançaram um ambiente especial. Surgiam já os clarões de uma alvorada de liberdade, as agrupações humanas começavam a sentir essa sêde insaciavel de saber, que, dia a dia, acumula thesouros de saber sobre a face do mundo; e a igreja, sentindo-se já impotente para impedir a evolução scientifica, deixou de perseguir o monge sabio; ao contrario até, collocou-o lado a lado do sabio secular para melhor arrogar-se o direito de apparecer como cooperadora na marcha de uma civilisação que destruiria cem vezes, si outras tantas se renovassem os tempos do absolutismo politico papal.

Fóra destas unidades sacerdotaes, quaes têm sido os beneficios do catholicismo? Qual foi a civilisação que conduziu?

Ao abrigo de seus bosques magnificos ou nas bellas cidades, cujos restos architectonicos maravilham hoje o viajante, viviam raças fortes, activas e productoras. Aquellas raças eram uma variedade da infinita acção creadora; aquelles povos possuiam tambem sua civilisação.

Brutal? Não mais que a das barbaras legiões que talaram de Norte a Sul a Europa, mui superior, em alguns logares, aos ferozes e toscos costumes do selvagem celta, do rude gallo e do barbaro godo.

Das selvas britannicas e dos bosques normandos e das incultas terras germanicas, donde se elevaram os «dolmens» e se adorava Odin, o deus das orgias, surgiram as civilisações refinadas da Europa. Porque não poderia produzir-se na America uma civilisação daquellas raças não menos fortes physicamente e até, algumas dellas, superiores em intelligencia ao aborigene europeu? Com que direito, em nome de que lei, de que principio de justiça, se destruiram essas raças que poderiam ser selva vigorosa enxertada no velho tronco indo-europeu? Sendo menos rispida a conquista, levando sua civilisação sem destruir a que em sua passagem encontrava, respeitando vidas e costumes, elevando sua missão politica a [illegible] fazel-a civilisadora, não haveria dado ella á Hespanha glorias immarcessiveis, sem que essas fossem ensombradas por tristes responsabilidades historicas?

A isso, porém, se oppunha um fatal elemento de discordia: a igreja. Ella não tolerava a civilisação sinão a troco de ser catholica; e o throno hespanhol, servo incondicional do papado, por cujos interesses sacrificou os da Peninsula, foi impôr ás tribus, a ferro e fogo, a cultura catholica.

Era esta porventura superior á indigena? Vejamos: as tribus guerreavam entre si por um pedaço de terra; os catholicos lutavam até despedaçarem-se pela eleição de um papa, pela reliquia de um santo, para decidir si era um rei ou um pontifice quem deveria investir a um bispo. Na ponta de suas lanças collocavam os indios vencedores as cabeças dos vencidos; os catholicos francezes, cortavam a cabeça a Coligny e o notificavam ao papa que por tal motivo ordenava festas e cunhava medalhas (2).

Algumas tribus sacrificavam crianças; a

(1) Arnaldo de Brescia, Jordão Bruno, Savanarola e tantos outros condemnados pela greja, pagaram na fogueira o delicto de propagar ideias que hoje são universalmente acceitas.

(2) Ao saber da matança dos huguenotes, feita por catholicos na noite de S. Bartholomeu, o papa Gregorio XIII ordenou festejos em Roma e fez cunhar uma medalha com o seu busto em um lado e no outro um anjo exterminador com a seguinte inscripção: «Hugonotorum Strages 1572».

Inquisição matava crianças, homens, mulheres e anciãos.

Os indios adoravam idolos; os catholicos adoram estatuas; aquelles possuiam amuletos lavrados em pedra; estes collocavam ao pescoço um pedaço de estamenha arrancada dos sepulchros.

Uns acreditavam no genio do mal; os outros escenjuram o diabo.

De um lado os costumes eram livres; do outro hypocritas. Os indios praticavam a polygamia em publico; os catholicos occultamente. Os filhos daquelles não herdavam infamias; os filhos destes se chamam bastardos.

Uma essencial differença havia, entretanto, entre selvagens e catholicos: emquanto os aborigenes, divididos em tribus, adoravam em cada uma destas, a seu modo e gosto, a divindade, os apostolicos-romanos ensanguentavam as nações do Oriente e Occidente, discutindo a forma de render culto a Deus (3).

A civilisação catholica! Seus dogmas e os fructos de sua moral mereciam o holocausto de doze milhões de homens sacrificados á sua sanha?

---

(3) A igreja grega manda fazer o signal da cruz, collocando o dedo polegar sobre o annular; emquanto que a igreja latina obriga a que se apoie sobre o indice. Por differenças de criterio tão «importantes» como esta, os chamados christãos se despedaçaram entre si o menos christãmente possivel.

(Trad. especialmente p.ª a «Revista Liberal».)

Riqueza e miseria

Actualmente atravessamos um periodo historico que offerece os mais extranhos e dolorosos contrastes.

Sob o ponto de vista material, a riqueza da Humanidade é immensa. A sciencia, o progressivo desenvolvimento da mecanica, a facilidade de communicações, multiplicando-se incessantemente para accumular e dar circulação, não sómente ao necessario, mas tambem ao superfluo; as mais importantes capitaes do mundo encerrando habitações confortaveis e ricos palacios, ostentando magnificos moveis e vestidos, vastos armazens repletos de comestiveis e productos de outras especies, e nessas proprias capitaes — como nos povos rurais — existem seres humanos sem lar, nús e sem pão, entregues inexoravelmente á mendicidade ou ao acto de conservação individual, qualificado crime, por não encontrar um patrão a quem vender a sua força animal e a sua intelligencia.

Sob o ponto de vista intellectual e moral, dá-se absolutamente o mesmo. A sciencia tem dado passos de gigante, bem que pese ao clericalismo. Chegou-se a disciplinar, a domar todas as forças naturaes conhecidas: — a luz, a electricidade, o som, o calor; a dominar a corrente das aguas e o vapor; a reconstituir a historia da terra depois de milhões de annos; a philosophia, baseada actualmente na observação, e a literatura e as artes, têm conseguido um desenvolvimento que as gerações precedentes jamais haviam sonhado.

E todavia, da mesma maneira que existem desgraçados necessitados de pão, ha-os tambem faltos de sciencia.

A humanidade presente, dividida pela sua soberba, envaidecida da sua civilisação, estende a oppressão por toda a parte com brutalidade e astucia, semeando o odio. O marido erige-se em proprietario da sua esposa; o pai em proprietario de seus filhos; o Estado em dono e proprietario de todos os cidadãos. A maior parte do trabalho dos povos é destinada, sob a fórma de imposto, a sustentar uma burocracia insolente e corroida, um clero embrutecedor e um exercito sempre disposto a fuzilar quantos intentem manifestar o seu descontentamento.

A miseria material e moral das massas é hoje em dia muito mais escandalosa e intoleravel que a daquellas épocas barbaras em que tudo faltava.

A Humanidade sobrenada em riquezas e possue meios para multiplical-as. Existe uma minoria consciente e resoluta que o sabe.

Esta minoria é [illegible] e as revoluções: a ella pertence o meio de preparar os espiritos e as vontades para uma transformação não superficial e apparente, mas positiva, real e profunda.

Transformação que privando os açambarcadores das riquezas usurpadas, com o objecto de estabelecer a propriedade indivisivel de todos, porá termo ao mais revolucionario dos contrastes: riqueza das minorias e miseria das massas trabalhadoras.

CARLOS MALATO.

Tarifa sagrada

«O papa João XXII vendeu publicamente a absolvição para o parricidio, o assassinato o roubo, o incesto, a sodomia e a bestialidade».

A tarifa dessas absolvições foi publicada depois pelo papa Leão X, em 1517. Ell-a:

«Por 168 libras se absolve o homicidio; por 17 libras se absolve o assassinato da esposa pelo marido; por 24 libras se perdôa a morte do marido pela mulher; por 17 libras se perdôa a mãe ou o pae que afogue um filho; por 57 libras são indultados os salteadores, incendiarios e ladrões; por 87 libras se perdôa o adulterio; por 67 libras se perdôa o peccado com a filha ou irmã; por 137 libras se perdôa o peccado commettido por uma freira com varios homens; por 168 libras se absolve qualquer infamia».

Santa Egreja Catholica Apostolica Romana!!

PADRE GUILHERME DIAS.

O pretenso renascimento religioso na Europa

Por AGOSTINHO HAMON

Nas primeiras semanas de guerra observou-se na França, na Grã-Bretanha, na Allemanha e na Russia que o publico era mais numeroso nos templos. Parecia haver um enthusiasmo religioso geral. Na realidade, assim era, porque os cleros e os seus authenticos fieis, crendo a occasião propicia, para despertar a fé, entregaram-se em todos os paizes belligerantes a uma intensa propaganda. Emquanto nos paizes catholicos, os soldados se dobravam ao peso das medalhas e escapularios que lhes distribuiam generosamente, nos paizes protestantes era ao peso das biblias, não menos generosamente distribuidas.

Na Allemanha, por exemplo, as livrarias não puderam a principio satisfazer todos os pedidos. Mas depressa tudo mudou e viram-se assaltadas por cartas de soldados que lhes pediam que tornassem a receber por metade dos preços, as suas biblias. Preferiam o dinheiro ás biblias, os herejes! Os hospitaes, as ambulancias tornaram-se lugares de predilecção para a distribuição de amuletos sagrados. Na França distribuiram-se milhões de medalhas e de escapularios. Os soldados, feridos ou não, aceitavam-nos religiosamente. As ceremonias do culto tornaram-se tambem mais frequentadas pelos soldados. Se como civis não assistiam á missa, com o uniforme vestido assistiam a ella pontualmente. Contaram-me — e tenho motivos para o acreditar — que houve judeus que commungaram, maçulmanos que se baptisaram varias vezes. Esta assiduidade ao culto catholico, estas acceitações de medalhas santas, tudo isto são factos innegaveis que foram interpretados erroneamente pelos crentes e pelos cleros. Não devia ver-se nesses factos uma reviviscencia da fé, mas simplesmente uma adaptação dos homens ao seu ambiente com o fim de melhorar as suas condições materiaes immediatas: tratava-se de mimetismo psychico.

O soldado francez observou rapidamente que muitos chefes militares, muitas senhoras enfermeiras eram catholicos militantes, quer crêssem realmente, quer fingissem crêr, por interesse de casta e de classe. Não lhe custou tambem a observar que os soldados que faziam praticas religiosas, obtinham diversas vantagens, e que decretos e regulamentos ministeriaes beneficiavam — mais ou menos legalmente — os padres-soldados, etc. E então, o soldado francez, indifferente para com a religião, disse comsigo que tinha tudo a ganhar tornando propicios os distribuidores do maná quotidiano. Escapar a uma corvéia, a um posto desagradavel, receber cigarros, chocolate e doces, tudo isto valia bem uma missa ou uma medalha de Nossa Senhora de Lourdes ou um escapulario do Sagrado Coração de Jesus. Era na realidade o mesmo estado de espirito de Sully quando dizia á Henrique IV: «Sire, sire, a corôa vale bem uma missa». Emfim um interesse puramente material levou a massa dos soldados a parecer religiosa.

Era sobretudo junto dos feridos e dos doentes, nos hospitaes, que essa pressão religiosa se fazia sentir, porque a maioria das enfermeiras pertenciam á classe rica. Só ellas tinham tempo e meios de desempenhar estas funcções gratuitamente. As mulheres da classe operaria e da pequena burguezia tinham, muitas vezes, de se occupar a ganhar o pão, substituindo o marido ou o pai mobilizado.

Do mesmo modo que os soldados seguiam os ritos cultuaes por interesse material, assim tambem o fizeram os civis da classe pobre. A guerra augmentou o auxilio mutuo entre nacionaes. Em toda a parte as igrejas augmentaram a sua caridade. E por um sentimento naturalissimo, os cleros e os fieis puzeram a sua caridade ao serviço da sua religião. Os beneficios dos ricos espalharam-se principalmente por aquelles dos pobres que fazam gala de sentimentos religiosos. Era, afinal, uma compra de consciencias. E por conseguinte, a influencia destes christãos, em vez de tender a elevar a moralidade humana, tendia a rebaixal-a. Vê-se nisto como, nos factos humanos, é grande o papel desempenhado pelas condições economicas. E vê-se tambem como o desapparecimento das differenças economicas entre os homens, como a igualdade economica modificaria os phenomenos sociaes augmentando o grau da moralidade humana.

O prolongamento da guerra fez com que o esforço de auxilio mutuo das igrejas e dos individuos diminuisse de intensidade. O seu caritativo cansa, se obriga a uma grande diminuição do typo da maneira de viver. E assiste-se, então, a um movimento de refluxo religioso. Os templos deixaram de ser tão frequentados. Os homens regressaram insensivelmente á sua attitude de indifferença religiosa anterior á guerra. O despertar religioso, clamado em toda a parte, era apenas uma apparencia.

Os limites geographicos que dividem os povos e criam as patrias não existem; o que separa os homens é o abysmo que existe entre a Opulencia e a Miseria. — (De S. Alacid).

O soldado usa espingardas. Com ellas poderá matar muitos homens; o que não pode, porém, é matar uma ideia. — (De Joaquim Dicenta.)

AS LEIS DE REPRESSÃO

A humanidade até a presente data não logrou alcançar a edade da razão, que é determinada pelo continuo progresso de sua actividade e se confirma com a aspiração popular do estabelecimento duma sociedade racional. Eis porque, não se sentindo feliz, ella procura, por todos os meios possiveis, avançar, progredir, libertar-se e acabar, duma vez para sempre, com suas dôres e miserias.

Desde os mais remotos tempos em que a humanidade se immergia das trevas da ignorancia, os reaccionarios tentaram inutilmente conserval-a nesse estado de pauperismo mental.

Pretender, pois, apagar o disco solar da sabedoria universal, é cair no erro, na estupidez; num crime.

E' uma loucura propria de governantes, de tyrannos, collocar diques á historia, sendo que a revolução das sociedades humanas é uma resultante da evolução cosmica. Nessa tolice, nesse absurdo é que os disputadissimos srs. Adolpho Gordo e Arnolpho de Azevedo cairam, demonstrando, ao mesmo tempo, o grau maximo da decadencia moral da sociedade burgueza.

A Constituição Brasileira que concede aos cidadãos a livre exposição de seus credos politicos, religiosos e phylosophicos, fica sendo uma nullidade ante esse aborto mental de repressão á liberdade de opinião.

Uma lei que nos véde o direito de pensar, dizer, escrever e imprimir livremente o que sentimos e queremos — não é senão a mais completa negação da liberdade. E a liberdade não deve depender desses dois grandissimos «monstrengos».

A lei é a oppressão, o direito do mais forte. A logica é a razão, é a energia que se impõe ante as forças brutaes da reacção.

Vivemos num periodo de transição. Gesta-se nelle um mundo novo que resplandece ante ás ruinas da velha carcassa burgueza. Homens e mulheres unidos por um mesmo direito e uma mesma igualdade, vão em marcha, em procura da felicidade do genero humano.

E as leis inhumanas concebidas pelos «paes da patria» hão-de ficar na historia como lembrança dos crimes commettidos no seculo das luzes, pela sociedade burgueza, contra a liberdade de palavra, de reunião e de pensamento.

CLAUDIO DE AZAS

Heroes e bandidos

Um homem mata outro para roubar; prendem-n'o, encarceram-n'o, condemnam-n'o á morte, a multidão o maldiz e cortam-lhe a cabeça num cadafalso.

Um povo faz em outro uma chacina para arrebatar-lhe os campos, as casas, as riquezas, os costumes... Acclamam-n'o; as cidades se engalanam para receber os que regressam cobertos de sangue e despojos; os poetas cantam-n'os em versos embriagadores; as bandas de musica festejam n'os; homens com bandeiras e charangas, donzellas com ramos de ouro e de flores acompanham-n'os como se elles acabassem de cumprir a obra da vida e a obra do amor.

A'quelles que mataram mais, áquelles que mais roubaram, dão-lhes titulos espalhafatosos, honras gloriosas que devem perpetuar seus nomes através os tempos.

E se diz ao presente para o porvir:

«Tu honrarás este heroe, pois elle só fez mais cadaveres do que mil assassinos...»

E, emquanto o corpo do obscuro matador apodrece na sepultura infame depois de decapitado, a imagem do que matou trinta mil homens se ergue, venerada, no meio das praças publicas, ou repousa ao abrigo das cathedraes em tumulos de marmore bemdito, que guardam os santos e os anjos. Tudo o que lhe pertenceu se torna reliquias sagradas e a gente vae aos museus, em peregrinação, para admirar sua espada, sua vestimenta de malhas e o penacho de seu casco.

Octavio MIRBEAU.

Tudo quanto através de toda a historia moderna a autoridade tem procurado conservar pela força, se tem fatalmente destruido pelo tempo. — (De Ramalho Ortigão).

***

As lutas dos partidos politicos, para um povo, são o mesmo que para um carregador o movimento, com que se passa de um hombro para o outro no intuito de procurar um alivio que no fundo é absolutamente falso. — (De Max Nordau).

NOTAS DO MEZ

UM INIMIGO DO REGIMEN Diz-se que o actual presidente da Republica, quando estudante, fora monarchista e até redactor de um jornaléco denominado "Constitucional" e destinado a combater o dos seus collegas republicanos. Empregava então elle os argumentos de que Republica era desordem e os republicanos hereges inimigos da patria, etc.

Feita a Republica, o homem tornou-se republicano "historico", e dos melhores como se vê. Mas tudo isso foi tactica: o homem queria era provar o que então affirmava. De que é elle monarchista prova o seu reaccionarismo e as suas ideias de governo: conselho d'estado (porque não ser da coroa?), Ordem do Cruzeiro (com pendurucalhos variados), dragões da Independencia (soldados de 2 mts. com pennacho de 1/2 metro), dia da graça de deus (abolição da liberdade de culto), e a sua mania de fausto e grandezas que custa á nação os olhos da cara...

Decididamente, o homem é declarado inimigo do regimen e o quer liquidar definitivamente!...

* * *

A GRÉVE DE SANTOS A's ultimas datas ainda não havia terminado a grève que ha dois mezes sustentam os trabalhadores das Docas de Santos. Essa grève foi declarada, depois de uma feroz reacção do governo paulista, contra o operariado, fechando associações, deportando e expulsando operarios.

Só esse facto, e mais a circumstancia de se ter declarado a greve pacificamente, era de molde a induzir os governantes a estudarem o assumpto e procurarem uma solução razoavel.

Nada disso: o governo do sr. Washington Luiz entende que greve é crime hediondo e embarafustou pela estupida violencia, prendendo, deportando e martyrisando operarios. Conversamos com dois deportados para aqui e que nos relataram terem sido presos, sem comida varios dias e postos nús em miseraveis cubiculos!

Entre os presos está Manoel Campos, redactor da "Plebe", de S. Paulo, onde fora preso em fins de Dezembro e conduzido para Santos, accusado de haver applaudido e defendido a greve. Ahi foi Manoel Campos submettido ás torturas da nudez, da sêde, fome e espancamento e aos soffrimentos que a policia paulista costuma inflingir aos operarios que lhe caem nas garras.

E' de lamentar tanta miopia! Os governantes paulistas semeiam ventos. Certamente não esperam colher bonanças!

Seja feita a sua vontade...

* * *

N. S. DAS MELANCIAS Como o Rio tem a sua N. S. da Patuscada, temos nós a N. S. das Melancias. E lá como aqui, nos dias

CARICATURA DO MEZ

— Carnaval, você me conhece?

— Conheço sim! Tu és o Zé Bocó, que juntas as maguas de todo o anno para fazer uma mascara de alegria para os tres dias de loucura...

— E viva o Carnaval!...

das respectivas festas, o fervor religioso se pronuncia de um modo ruidoso e contundente nos botequins e tendas armadas nas adjacencias da do vigario, o que dá serviço para a policia.

Allie-se a isso os vapores e bondes abarrotados de gente, as «bolinagens», namoricos e conquistas "donjoanescas" e ter-se-á uma ideia do que ganha a religião em moral e bons costumes...

Mas se a moral nada ganha, em compensação os padres recheiam o sacco e engrossam o toutiço...

Ad majorem dei gloriam...

* * *

O CARNAVAL Foram-se os tres dias em que está consagrado o habito de se a gente vestir o mais exquisitamente possivel e dizer o maior numero de asneiras com ou sem espirito.

O Carnaval, com ser o periodo annual de loucura da gente que suppõe ter juizo, tornou-se até uma necessidade social. E' nesse dia que o povo miudo e soffredor, dá expansão ás suas tristezas accumuladas durante 362 dias. Sem essa valvula era capaz de haver explosão... Logo, o Carnaval, com a sua loucura tradiccional, concorre para a estabilidade social, pelo menos emquanto a sociedade for para a maioria do povo um reservatorio copioso de miserias, dores, soffrimentos e angustias.

E eis como tres dias de loucura, desordem, licença e folia contribuem efficazmente para manter a ordem...

E que ordem!...

* * *

FALTA DE SENSO E INTOLERANCIA Está sendo largamente distribuido na cidade um avulso de origem catholica e que é um precioso documento de falta de senso e de intolerancia seitista.

Depois de invectivar a liberdade de cultos, inscripta na Constituição brasileira, o follicularío desanda contra os extrangeiros, os protestantes, os evangelicos, os sabbatistas e os espiritas a quem qualifica de escommungados por quererem atrapalhar a *santa* madre igreja...

Si estivessemos nos bons tempos da Inquisição que bellas fogueiras de heregos!...

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

— Sae cinza!...

A MERIDIANA

JOIAS - RELOGIOS BIJOUTERIA - OCULOS - APPARELHOS DE PHYSICA - CARTOES POSTAES - GRAMOPHONES, etc., etc. :: ::

RAFFAELE CALIENDO

Rua Voluntarios da Patria, 91-A e 93

PORTO ALEGRE - Rio Grande do Sul

Mentiras Religiosas

Por PEDRO OSORIO

2 grossos volumes com 637 paginas . 5$000

Pelo correio . . . . . 6$000

Pedidos, acompanhados do valor, para „REVISTA LIBERAL"

Alfaiataria Americana

DE

ANTONIO CAMPAGNA

:: Preços especiaes para os operarios ::

Rua 24 de Maio n. 22 — P. Alegre

:: NOTINHA DE SCIENCIA ::

O peso do pensamento «Mais leve que o pensamento», era até agora a ultima expressão da leveza, do sutil, do imponderavel. Pois temos que recorrer a outra imagem, porque a sciencia já inutilizou aquella. O professor italiano Mosso construiu uma balança destinada a verificar o peso do pensamento humano, e afinal a cousa parece simples. Extende-se uma pessoa horizontalmente e deita a cabeça na balança. «Como cada esforço de imaginação leva ao cerebro maior quantidade de sangue, a balança descerá tanto mais quanto maior fôr a intensidade do pensamento. Até a dormir podemos nós fazer baixar a balança; basta para isso que um leve ruido nos faça concentrar em somnosa attenção. Partindo d'esta theoria, fez aquelle professor outras experiencias mais faceis que a da balança. Por exemplo: mettendo a mão n'uma bacia de agua, o nivel d'esta sobe ou desce segundo a intensidade do pensamento, visto como tal intensidade altera a circulação do sangue, e por isso augmenta ou diminue o volume da mão. Pela simples observação do pulso adivinhava o professor Mosso quando um seu amigo e collega lia italiano ou grego, mathematica ou historia. As experiencias são muito curiosas, e assim como já se mede a luz a palmo não tardará que se pese o pensamento a grammas, tornando-se possivel averiguar os kilogrammas de imaginação que um auctor gasta nas suas obras. E pode até ser, como já disse um curioso, que se chegue a comprar o talento a peso...

O analphabeto

«O analphabeto é como um microcephalo: a sua visão psychica, estreitada, porque embora veja claro, a enorme massa das noções escriptas lhe escapa; pelos ouvidos passam palavras e ideias como se não passassem; o seu campo de apercepção é uma linha, a intelligencia, o vacuo; não raciocina, não entende, não prevê, não imagina, não cria. Muitos só saem da indifferença musulmana para entrar no espasmo do banditismo.» — *Dr. Miguel Couto.*

As minhas visões passadas,
As andorinhas de outr'ora,
Levantam-se em revoadas
Caminho de nova aurora.

A REVISTA LIBERAL não contando com outro elemento de vida sinão o que lhe queiram dar aquelles que julgarem util a sua obra, mantem uma lista de contribuição voluntaria permanente, do successo da qual dependerá o seu melhoramento progressivo.

Qualquer quantia deverá ser remettida directamente á redacção ou assignada em lista devidamente rubricada e que será opportunamente publicada juntamente com os balancetes da gerencia.

Livros Recommendados

Bibliotheca Sociologica -- 1.500 rs. o volume

A Caminho da Sociedade Nova — Chr. Cornelissen.
As Doutrinas anarchistas — Dr. Paulo Eltzbacher.
A sociedade Moribunda e a Anarchia — Jean Grave.
A conquista do Pão — P. Kropotkine.
A Greve Geral e o Socialismo — H. Lagardelle.
O Amor Livre — Ch. Albert.
O Socialismo, suas formulas e essencias — S. Merlino.
Palavras de um rebelde — P. Kropotkine.
A Grande Revolução (2 vols.) — P. Kropotkine.
Esboço de uma moral sem sancção nem obrigação — James Guiot.
A Dôr Universal — Sebastião Faure.

Pedidos para "Revista Liberal" — Pelo correio mais $500 de porte

FABULAS E PARABOLAS

Os dois espelhos

Um espelho de superficie perfeitamente plana, encontrou-se, um dia, num jardim, com um espelho convexo.

— E's insolente — disse-lhe elle — em reflectires a natureza pelo modo como o fazes. E' preciso estar doido para representar todas as pessôas de ventre enorme, de pernas torcidas e de cabeça e pés minusculos, trocando, além disso, em linhas curvas todas as rectas.

— Tu é que desfiguras a natureza, — respondeu o espelho convexo; — como és plano, imaginas que tudo é recto, que todas as arvores são rectas. Enganas-te; os troncos das arvores são curvos. E's um espelho embusteiro.

Começavam a inflammar-se os animos dos dois disputadores, quando succedeu passar um geometra pelo sitio da contenda.

— Tendes ambos razão, meus amigos, — disse-lhes elle. — Ambos reflectis os objectos conforme as leis de optica. As imagens que recebois, um e outro, são de exactidão geometrica. Todas ellas são perfeitas. Um espelho concavo reproduziria uma imagem differente da que vós reflectis, a qual seria tão perfeita como as vossas.

A verdadeira imagem da natureza, ninguem a conhece; e é provavel até, que ella não a possua senão nos espelhos que a reflectem. Aprendei, portanto, senhores espelhos, a não questionar, pois o que é facto é que não recebeis o mesmo reflexo das cousas.

Ha em nós um instincto de solidariedade que se insurje contra a necessidade de sermos inimigos dos nossos semelhantes. — *J. F. Eislander*.

Duas perolas semelhantes

E' bem conhecida a seguinte quadrinha posta, por Pinto da Rocha, nos labios da sua *Thalita*:

Que lindos olhos, Thalita,
os olhos que Ruy te deu;
têm uma luz infinita,
parecem feitos no céo.

Numa publicação popular de Portugal encontramos a quadrinha abaixo, cujo rithmo, rimas e ideias, muito se assemelham á que já tantos applausos arrancou do nosso publico:

Que lindos olhos que tens
por baixo do teu chapeu!
Parecem balanças de oiro
de pezar almas no céo!

E' curioso o confronto daquella joia do escriptor brasileiro com esta flor sylvestre da alma popular da poetica Portugalia.

Para o proximo numero:

Uma pagina de José Verissimo sobre Kropotkine.
A lei suprema — Dr. Fabio Luz.
A religião e a questão social — Mario d'Albór.
O verdadeiro papel do professorado — Anatolio France.
Que é revolução? — Cesar Montemaior
Vulgarisações scientificas — Antonio de Souza.
O absurdo da doutrina da creação biblica — Dr. Julio Carret (traducção especial para a «Revista).
O patriotismo sob o ponto de vista social — Henrique Malatesta.
A instrucção é necessaria á mulher — N. N.

Bibliographia

MENTIRAS RELIGIOSAS - PEDRO OSORIO, BAGÉ — 2 vols. 5$000 — Acaba de ser exposta á venda uma obra que está certamente destinada a prestar relevantissimo serviço á intellectualidade dos nossos dias.

O nosso conterraneo dr. Pedro Osorio reuniu em dois grossos volumes uma critica documentada ás innumeras mentiras com que se costuma plasmar o cerebro da juventude, inhabilitando-a para, de futuro, exercer essa faculdade que distingue o homem das demais especies: o pensamento.

MENTIRAS RELIGIOSAS, á luz de documentos incontestes e ao par de um raciocinio logico, claro e esmagador, reduz a zero os dogmas ridiculos com que se pretende ainda em nossa epoca oppor uma barreira á evolução natural do pensamento humano.

O autor, por vezes, torna-se sarcastico na sua analyse rigorosa que desliza num estylo escorreito e attrahente. Tem palavras de estygmatisação para os adeptos de uma religião moribunda que se não pejam de fazerem arma predilecta da mentira consciente, meditada, calculada para dominar e embrutecer os cerebros, detendo assim os progressos da alma humana na sua ascenção para o ideal de perfeição moral.

E', emfim, um livro que recommendamos aos nossos leitores na certeza de que, lendo-o adquirirão uma grande copia de conhecimentos e argumentos que os desvencilhará de um sem numero de mentiras a que estão acostumados a ouvir respeitosamente como verdades de boa fonte.

A humanidade não poderia caminhar, nem a sciencia e a arte evolucionariam, sem esse espirito de rebeldia, de insubmissão, de não conformidade, que é o mais profundo propulsor do progresso. — *Azorim*.